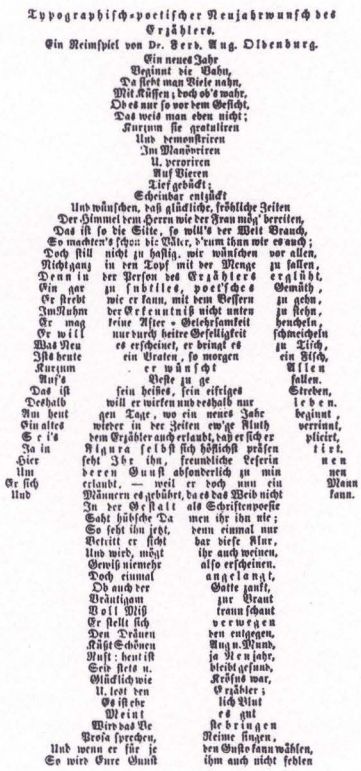
Runa

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

Entrevista a Maria Helena Horta Simões

Maria António Hörster



Typographisch-poetischer Neujahrwunsch des
Erzählers.
Ein Reimspiel von Dr. Ferd. Aug. Oldenburg.

Ein neues Jahr
Beginnt die Bahn,
Da sieht man Viele nahn,
Mit Küssen, doch ob's wahr,
Ob es nur so vor dem Gesicht,
Das weis man eben nicht;
Kurzum sie gratuliren
Und demonstriren
Im Manövriren
U. pervoriren
Auf Vieren
Tief gebückt;
Scheinbar entzückt
Und wünschen, daß glückliche, fröhliche Zeiten
Der Himmel dem Herrn wie der Frau mög' bereiten,
Das ist so die Sitte, so will's der Welt Brauch,
So machten's schon die Väter, d'rum thun wir es auch;
Doch still nicht zu hastig, wir wünschen vor allen,
Nicht ganz in den Topf mit der Menge zu fallen,
Denn in der Person des Erzählers erglüht,
Ein gar zu subtiles, poetisches Gemüth,
Er strebt wie er kann, mit dem Bessern zu gehn,
Im Ruhm der Erkenntniß nicht unten zu stehn,
Er mag keine Aster-Gelehrsamkeit heucheln,
Er will nur durch heitre Geselligkeit schmeicheln
Was Neu es erscheinet, er bringt es zu Tisch,
Ist's heute ein Braten, so morgen ein Fisch,
Kurzum er wünscht Allen
Auf's Beste zu ge fallen.
Das ist sein heißes, sein eifriges Streben,
Deshalb will er wirken und deshalb nur leben.
Am heut gen Tage, wo ein neues Jahr beginnt,
Ein altes wieder in der Zeiten ew'ge Flinth verrinnt,
Sei's dem Erzähler auch erlaubt, daß er sich ex plicirt,
Ja in Figura selbst sich höflichst präsen tirt.
Hier seht Ihr ihn, freundliche Leserin nen
Um deren Gunst absonderlich zu min nen
Er sich erlaubt, — weil er doch nun ein Mann
Und Männern es gebühret, das das Weib nicht sann.
In der Gestalt als Schriftenpoesie
Sahst hübsche Da men ihr ihn nie;
So seht ihn jetzt, denn einmal nur
Betritt er sicht bar diese Flur,
Und wird, mögt ihr auch weinen,
Gewiß niemehr also erscheinen.
Doch einmal angelangt,
Ob auch der Gatte zankt,
Bräutigam zur Braut
Voll Miß traun schaut
Er stellt sich verwegen
Den Dräuen den entgegen,
Küßt Schönen Aug u. Mund,
Rust: heut ist ja Neujahr,
Seid stets u. bleibt gesund,
Glücklich wie Frösch war,
U. lest den Erzähler;
Es ist ehr lich Blut
Meint es gut
Wird das Be stebringen
Prosa sprechen, Reime singen,
Und wenn er für je den Guß kann wählen,
So wird Eure Gunst ihm auch nicht fehlen

28

1999-2000

Traduzir Turrini para a cena portuguesa

Entrevista a Maria Helena Horta Simões

Maria António Hörster
Universidade de Coimbra

O Centro Dramático de Évora levou à cena em 9 de Março de 2000 Die Minderleister *de Peter Turrini. A versão portuguesa é da sua responsabilidade. Pode dizer-nos como nasceu este projecto?*

Este projecto remonta a 1997, altura em que o encenador Luís Varela me convidou a traduzir a peça de Peter Turrini para o Centro Dramático de Évora. Aceitei sem grande hesitação, porque me seduzia a ideia de traduzir um texto dramático para palco, embora estivesse também plenamente consciente de que uma tradução para cena iria constituir para mim um grande desafio. O projecto não se concretizou na altura e eu guardei na gaveta a tradução corrida que havia feito e se destinava a servir de texto de trabalho. Em finais de 1999, Luís Varela voltou a convidar-me a traduzir esta mesma peça, que ele pretendia encenar para o CENDREV. Acedi com entusiasmo e assim nasceu o texto a partir do qual Varela construiu uma belíssima encenação e que o Centro Dramático de Évora transformou num grande espectáculo teatral, um espectáculo que encantou Turrini, presente em Évora no dia da estreia.

Na sua resposta já insinuou a especificidade da tradução do texto teatral. Já tinha alguma experiência neste campo?

Não, não tinha e, como referi, desde o início tive plena consciência de que traduzir *Die Minderleister* para o público português não iria ser tarefa fácil. Em primeiro lugar, porque a tradução de um texto dramático para palco pressupõe um procedimento tradutivo muito próprio e exigente, pois, como é evidente, o texto translato não é para ser lido, é para ser dito por actores no contexto do espectáculo teatral, tendo, por isso, de possuir um ritmo próprio, decorrente da situação de oralidade, para além de ter de ser inteligível no acto da recepção. O tradutor de um texto para cena tem, deste modo, de atender de forma acurada à situação comunicativa de chegada.

Fez alguma preparação especial?

Evidentemente que comecei por ler bibliografia específica sobre a tradução do texto teatral, mas eventualmente mais importante foi a repetida leitura em voz alta a que me obriguei, quer de trechos curtos, quer mesmo de cenas inteiras. Numa fase posterior, a tradução foi posta à prova na primeira sessão de trabalho dos actores, a leitura conjunta do texto. Estive presente nessa sessão, e o facto de os actores considerarem o texto português fluido e teatralmente sustentado foi, como se imagina, uma grande satisfação para mim.

Quais foram as principais dificuldades com que se deparou na transposição de Die Minderleister *para português?*

O texto dramático de Turrini põe ao tradutor dificuldades de diversa ordem, pois, não raras vezes, ele pressupõe o conhecimento do contexto sociocultural de partida, presente no original geralmente sob a forma de alusões, que o tradutor tem de procurar resolver com alguma imaginação, já que não pode socorrer-se, como é óbvio, de uma nota de rodapé explicativa. Acresce a isto que *Die Minderleister* vive, em boa medida, da linguagem: dos seus diferentes registos, que havia que preservar no texto de chegada, de idiomatismos ousados e de regionalismos, para os quais era necessário encontrar equivalentes portugueses, de jogos de palavras, alguns dos quais de difícil ou impossível recriação no contexto de chegada, de ecos literários ou de outro tipo, nem sempre fáceis de identificar pelo público português.

Por estas razões, esta tradução, embora haja sido para mim um trabalho de prazer, não foi, de facto, tarefa fácil. Se consegui, como julgo, levar este barco a bom porto, isso ficou a dever-se também à estreita e enriquecedora colaboração com o encenador Luís Varela. Tenho para mim, aliás, que este é um procedimento indispensável na tradução de um qualquer texto para palco. O trabalho conjunto do tradutor com o encenador é frutuoso, entre outros motivos, por permitir dois olhares diferentes, mas complementares, sobre o mesmo texto.

Poderia concretizar um pouco essas dificuldades?

As dificuldades começaram na tradução do próprio título. «Elementos menos produtivos», o título com que a obra se apresentou a público, não me agradava inicialmente por o considerar uma tradução literal, inevitavelmente perifrástica, e começar por me aparecer como pouco apelativo. Preferia «Lista de Dispensáveis», uma expressão técnica, pois o título reporta-se a listas de operários a despedir, das quais constam não apenas aqueles que são menos produtivos, mas igualmente «quem

falta várias vezes, quem resmunga contra a administração, quem, por sua iniciativa, faz horas extraordinárias», etc, etc. Acabou por prevalecer a proposta do encenador, e bem, quer-me parecer, porque «Elementos menos produtivos» é, como o título original, conotativo.

Numa primeira leitura, julguei que os numerosos termos técnicos que surgem na peça — tudo se passa no macroespaço fábrica ou em microespaços adjacentes —poderiam constituir para mim um aspecto de difícil resolução. Apesar de não ter sido fácil encontrar os equivalentes portugueses para a maioria dos termos técnicos, este foi um aspecto que se resolveu afinal com relativa facilidade, pois numa das deslocações do encenador à siderurgia nacional houve a oportunidade de confirmar ou, num ou noutro caso, acertar os termos que eu entretanto encontrara.

Assim, a título de exemplo, se «Hochofen» (altos fornos), «Hammerwerk» (fundição), «Walzwerk» (laminagem), «Kurzarbeit» (redução da produção), «Ordner» (encarregado) não me suscitaram dúvidas, já a tradução de «Pausenraum» por «sala de repouso» exigiu confirmação. A tradução de expressões e termos como «das glühende Eisen/ die glühende Schlacke» (gusa), «Stahlproben» (perfis) ou «Legierungen» (adições) resultou do contacto directo do encenador com os operários siderúrgicos.

De mais difícil solução se revelou a manutenção, no texto de chegada, dos diferentes registos de linguagem que marcam o texto de Turrini. Em primeiro lugar, foi necessário distinguir cuidadosamente palavras ou expressões obscenas de simples coloquialismos, bem assim como traduzir com especial cuidado as falas de Shakespeare, o bibliotecário da fábrica, o intelectual beberrão, que vai comentando a acção numa linguagem ora coloquial, ora de cunho marcadamente poético, distinguindo-a, além disso, da linguagem dos operários, que, por vezes, se caracteriza igualmente pela poeticidade.

Sendo *Die Minderleister* uma obra em que existe uma ligação muito estreita entre a obscenidade mais crua e o lirismo mais depurado, este foi um aspecto que exigiu de mim especial cuidado. Ora, esta proximidade das duas linguagens é particularmente evidente na cena da rodagem do filme pornográfico. Para mim, a dificuldade principal acabou por não residir na tradução da linguagem obscena, mas, pelo contrário, na adequada versão para português do diálogo entre as duas personagens que são os actores do filme do jugoslavo: Anna, a operária que anseia por um filho e acaba despedida, razão por que procura ganhar algum dinheiro fazendo um filme pornográfico, e um operário sem trabalho e abandonado pela mulher. O diálogo que travam enquanto vão seguindo

as instruções do jugoslavo é eminentemente poético, pois esta cena é, no fundo, uma cena de amor com parceiros inventados: Anna pensa em Hans, e Franz Reiter, o operário, na mulher que, por momentos, julga de volta.

Esta cena dá-me aliás a possibilidade de ilustrar as dificuldades que a tradução de *Die Minderleister* me colocou. O realizador do filme pornográfico é um jugoslavo que trata familiar e displicentemente Anna por «Mutti», que eu traduzi por «mãezinha». Esta tradução não agradava inicialmente ao encenador, que buscava outra forma de tratamento familiar. Em minha opinião, e foi essa que prevaleceu, estávamos perante uma situação de ironia dramática, pois se é verdade que o jugoslavo desconhece o desejo de Anna em ser mãe, o espectador conhece-o bem, o que torna esta cena ainda mais crua.

A transposição para português de palavras ou frases de cariz erótico, recorrentes no texto de Turrini, sobretudo nas falas de Shakespeare, levantou algumas dificuldades, porquanto, na maioria dos casos, elas se inserem num contexto caracterizado por jogos de palavras. Assim, por exemplo, na cena inicial, Shakespeare, bêbedo como sempre, apalpa a empregada de mesa que, inclinada para a frente, varre os cacos das garrafas de cerveja que Shakespeare vai partindo na cabeça. Atente-se no diálogo seguinte: «Kellnerin: In Ihrem Alter / Herr Shakespeare. Shakespeare: Ist nicht der alte Wein / der feinste und reinste? Sein Genuß / nicht der berauschendste? / Kellnerin: Sie reden aber geschwollen. / Shakespeare: Wohin mit aller Schwellung / wenn nicht in die Sprache?»

Este extracto, de inequívoco registo erótico, exigia uma tradução que, para além de atender com especial atenção à fala de Shakespeare, preservasse o jogo de palavras. A solução encontrada agradou aparentemente a todos: «Empregada de mesa: O senhor fala é todo inchado. / Shakespeare: Onde hei-de meter o inchaço / a não ser na linguagem?»

Como já afirmei, existem no texto original alusões diversas, cuja descodificação nem sempre é fácil para o espectador português. É em situações como estas que quem traduz para palco tem de fazer opções, dividido, além disso, entre a fidelidade ao original, que deseja guardar, e a pragmática da tradução. Dois exemplos, que me mereceram procedimentos distintos. Num dos casos fiz uma tradução colada ao original, por me parecer que, mesmo não entendendo os pormenores, o espectador captaria o sentido da fala.

Rodeado de garrafas de cerveja vazias que representam os seus colegas poetas já mortos, afirma Shakespeare, a dado passo, referindo-se a

Heinrich Heine, «a mais pálida de todas as garrafas»: «(...) Weil er vom Spotten / in der letzten Zeile partout nicht ließ / warf man die Flasche bis Paris. / Später hat man seinesgleichen / einfach vergast. / Das war die Endlösung / der Flaschenfrage.» Optei, neste caso, por uma tradução literal, por me parecer que mesmo que o espectador não entenda a alusão à ironia heiniana, irrelevante à luz da pragmática da tradução, entenderá facilmente a alusão ao extermínio dos judeus.

Opção diferente tomei em relação à alusão à biografia de Goethe, a «garrafa dilecta dos alemães». Em alemão lê-se o seguinte: «Das ist Johann Wolfgang von Goethe. / Der Deutschen liebste Flasche. / Er wanderte vom Straßenrand / ins Ministerium. / Er war nie wirklich leer. / Er aß zuviele Butterschnitzel / ich mag ihn nicht so sehr.» Procurei, neste caso, uma equivalência dinâmica e traduzi «Butterschnitzel» por «escalopes de vitela» para facilitar ao espectador que não conhecesse a biografia de Goethe a compreensão da irónica «mudança da berma da estrada para o ministério».

Deixei propositadamente para o fim a referência à palavra que mais dificuldades de tradução me levantou: «Rauschkind», uma designação aplicada a Ursus, um operário meio pateta, mas generoso e ingénuo. Nenhum dicionário a regista — e a nossa biblioteca tem um rico acervo de dicionários — nem mesmo *Wie sagt man in Österreich?* Nenhum falante de língua alemã por mim contactado conhecia a palavra. Por analogia com «Rauschengel,» cheguei a admitir a hipótese de a traduzir por «anjinho», um termo que até se adequava à personagem. Insatisfeita, fiz um telefonema para uma amiga alemã que, por sorte, conhecia a palavra: trata-se de crianças com um ligeiro atraso mental decorrente do facto de serem filhas de pais alcoólicos. Terminou em bem a demanda da palavra justa que tantas horas me consumira.

Qual foi o critério que seguiu no que toca aos nomes próprios e topónimos?

Bem, esse problema foi resolvido em conjunto com o encenador. Decidiu-se a manutenção das formas originais, mesmo no que respeitava a nomes falantes, nomeadamente, Schmelzer e Franz Reiter. Evidentemente que é uma perda, mas foi uma perda assumida. A opção pela tradução quando os termos tinham um significado geral também me não agradava, especialmente no que toca à tradução de Schmelzer, o velho operário que a todos ensinou e a quem todos frequentemente se dirigem. No que diz respeito a «Malediven», cheguei a ponderar a hipótese de a substituir por «Canárias.» Da troca de ideias com o encenador saiu a decisão de traduzir à letra, pois as Maldivas são hoje também um destino turístico procurado pelos portugueses.

Há um tipo de problema que se coloca num número muito elevado de textos, que é, precisamente, o das formas de tratamento. Como o resolveu?

De uma maneira geral, não houve grandes problemas, mas registo aqui dois momentos que exigiram ponderação. Refiro-me à fala inicial, e à última, de Shakespeare, nas quais, voltado para o público, diz o seguinte: «Mir geht es glänzend / wie geht es Ihnen?» Inclinava-me para «senhores», mas o encenador preferia «vocês». Optámos por «vocês», pois, em palco, resulta, de facto, muito melhor. Quanto a «Kellnerin», a maneira como Shakespeare por várias vezes se dirige à empregada de mesa, optei por «menina», porque esta é uma forma corrente de tratamento em português nestas circunstâncias.

Muito obrigada pelo seu testemunho.